

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

O QUEIJO E OS VERMES: RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA

Allan Henrique Gomes¹

“O Queijo e os Vermes” expressa, metaforicamente, a forma como o moleiro Domenico Scandella (1532-1600) explicou a criação de Deus, dos anjos e das demais criaturas. A narrativa protagonizada por Domenico, ou melhor, Menocchio (seu apelido) é a obra que referencia Carlo Ginzburg como principal historiador na elaboração do *método indiciário*.

Nesta resenha optamos em contar sobre a trama desvelada no livro em questão e, ao mesmo tempo, fazer algumas considerações sobre a perspectiva indiciária de Ginzburg, que se debruça aos sinais, aos indícios, aos detalhes que revelam e que se escondem no singular.

A conturbada vida deste moleiro acontece em um tempo singular da História, ou seja, *logo após* a invenção da imprensa e a Reforma. Menocchio é um homem com algumas condições de sustentar sua família em uma comunidade camponesa italiana, mais precisamente, Montereale, uma aldeia nas colinas do Friuli. Casado e com

¹ Allan Henrique Gomes é psicólogo, doutorando em psicologia (UFSC) e atua como professor na Faculdade Refidim, Joinville/SC.

sete filhos, já havia perdido outros quatro. Além da profissão que lhe permitia uma gama de relações um pouco mais ampla do que os camponeses, Menocchio havia aprendido a ler e a escrever.

Ginzburg “descobre” o moleiro nos anais da inquisição. Interessa-se porque percebe que Menocchio não é um herético comum. O historiador vai ao encontro das pistas no texto e verifica que não se trata de um luterano, nem de um anabatista. Pelo próprio movimento do processo, pode-se dizer que “a obstinação de Menocchio demonstra que não estamos diante de alguém que recebesse passivamente idéias alheias” (GINZBURG, 1987, p. 79)

A tese de Ginzburg é que este homem, que passou por dois processos inquisitórios, tinha suas ditas idéias heréticas pela convivência com a religiosidade não oficial da cultura camponesa e que tomado por esta cultura oral suas leituras (algumas delas proibidas) eram potencializadas de imaginação e pensamentos que afrontavam as doutrinas estabelecidas pela Igreja Católica.

O mérito de Ginzburg foi a composição da história de vida de um camponês da Idade Média. Uma vida pouco importante na “história oficial” (dos vencedores, dos heróis), e que no caso do moleiro, pode ser conhecida pela perspicácia com que tratou as pistas e rastros deixados nos documentos inquisitoriais. Fez também, conjecturando as possibilidades cotidianas de um moleiro naquela época.

Para realizar uma obra tão minuciosa, a época em questão não era um campo desconhecido para o pesquisador. Todavia, nos sinais parecem que se escondem nos detalhes que uma leitura macro-histórica não permitiria conhecer. E talvez por isto, na obra “o Queijo e os Vermes” parece que o cotidiano da cultura camponesa do século XVI fica tão vivo, vibrante, literário.

Quem lê “o Queijo e os Vermes” pode até imaginar que se trate de uma obra de literatura e, portanto, ficcional, quem sabe até mesmo *falsa*. Contudo, esta questão para Ginzburg não se verifica enquanto um problema.

O trabalho do historiador tornou possível conhecer não somente o que lia Menocchio e alimentava suas idéias consideradas heréticas, mas especialmente, *como* lia tais obras. A preocupação do historiador foi reconstruir a cosmogonia do moleiro.

Aqui reside uma contribuição metodológica no trabalho deste historiador. Ele rejeita as categorias plenas de interpretação (tais como o luteranismo da época, etc.), categorias cristalizadas que por meio delas muitos fazem a leitura de qualquer situação histórica, ignorando outras possibilidades de leitura. Atento aos detalhes e indícios presentes nos documentos que pesquisou, Ginzburg foi buscar as relações possíveis entre o singular e o coletivo, observando no moleiro do Friuli outra condição de vida. É uma inversão metodológica que permite olhar além do genérico, do categórico, do totalizante.

Ao debruçar-se sobre uma vida, Ginzburg supõe relações entre os acontecimentos históricos e os detalhes da história de Menocchio, realizando desta forma, uma obra na fronteira entre a História e a Literatura. Para ele “o Queijo e os Vermes pretende ser uma história, bem como um escrito histórico. Dirige-se, portanto, ao leitor comum, bem como ao especialista.” (1987, p. 13).

Tomado pelas idéias religiosas, Menocchio desejava uma sociedade um pouco mais justa, ao que seus discursos, carregavam alguma denúncia: “Tudo pertence à Igreja e aos padres. Eles arruinam os pobres. Se têm dois campos arrendados, esses são da Igreja, de tal bispo ou de tal cardeal” (SCANDELLA IN GINZBURG, 1987, p. 63).

Depois do primeiro processo Menocchio foi julgado e permaneceu preso por quase dois anos, quando ele escreveu uma carta suppli-

cando ao Santo Ofício sua liberdade. Regressou à família, entretanto, foi-lhe ordenado a proibição de se afastar de Montereale e, vestir sempre um hábito com a cruz para ser identificado como um condenado pela inquisição (sinal de que as pessoas deveriam cuidar com suas palavras).

Isto não impediu que Menocchio voltasse as suas atividades comunitárias e econômicas, usufruindo inclusive, de funções na pequena aldeia, possivelmente, por saber ler e escrever isto possibilitava que transmitisse a escrita e a leitura às crianças. Além disto, trabalhou como marceneiro, era violeiro principalmente nas festas, hospedeiro e dava aulas também de ábaco.

Menocchio foi um homem de muitas palavras. Ginzburg observa que “manter tal posição divergente [da Igreja, mas também de seus conterrâneos] por um período tão longo (talvez por quase trinta anos), [...] requer uma energia moral e intelectual que não é exagero definir como extraordinária”. (1987, p. 80).

Em sua segunda experiência com a Inquisição, Menocchio apesar de ser evasivo nas questões, não sabe mentir e negar suas “fantasias”. Acusado de ter transmitido suas idéias e não ter cumprido as ordens que condicionaram a sua liberdade, o moleiro mantém sua defesa de que as idéias que lhe passam a cabeça não foram trazidas por outro homem, tão somente, perante o Santo Ofício, defende-se sugerindo que não tem prestado a atenção nestes pensamentos que o diabo lhe inflige.

Ginzburg aprofunda na obra sobre a vida do moleiro, os detalhes destes pensamentos que depois deste segundo processo o levaram à condenação e morte. Em todo o tempo, o historiador não perde de vista as condições do pensamento de Menocchio, homem da cultura popular que causou ao Santo Ofício um trabalho fatigante no processo de encontrar a fonte que sustentasse as palavras que ouviam do moleiro.

O que o Santo Ofício não conseguiu identificar, o historiador vai apontar e, isto, inclui o processo de relativização das crenças e culturas, especialmente pelos relatos dos viajantes que ele acessava nos livros, alguns, independente de serem fantasiosos e, outros, obras produzidas por culturas religiosas constituídas, especialmente o Alcorão.

Ginzburg conclui a narrativa sobre Menocchio observando que histórias como a deste moleiro que disseminou suas idéias até mesmo aos juízes da Inquisição, evidenciam que a cultura camponesa do século XVI não era “simplesmente” depositária da produção cultural dos setores avançados daquela época. Diante disto, é necessário recusar a ignóbil tese, nas palavras do historiador “insustentável – segundo a qual as idéias nascem exclusivamente no âmbito das classes dominantes” (p. 230), migrando de lá para o povo. Ele continua, “por outro lado, a recusa dessa tese simplista implica uma hipótese muito mais complexa sobre as relações que permeavam, nesse período, as duas culturas: a das classes dominantes e a das classes subalternas.” (idem).

Intuir a tese é uma coisa, encontrar subsídios metodológicos e artefatos de pesquisa é um tanto mais desafiador. “Uma cultura quase exclusivamente oral como a das classes subalternas da Europa pré-industrial tende a não deixar pistas, ou então deixar pistas distorcidas. Portanto, há um valor sintomático num caso-limite como o de Menocchio” (GINZBURG, 1987, p. 230). Sua obra explicita que há densas trocas entre estas culturas, na verdade, figuras como Rabelais e Bruegel podem expressar muito mais que somente raras exceções.

Ginzburg reconhece que o desfecho da história de Menocchio se defronta com o “renovado” movimento que busca restituir a força da cultura dominante na Europa. Esta tendência ocorre sob diversas iniciativas, entre elas, a missão jesuíta em sua atividade evangelizadora (o historiador inclui as igrejas protestantes em sua organização religiosa caracteristicamente familiar na mesma tendência).

É nesta trama que Ginzburg situa o fechamento do processo de Menocchio que, por atenção dos inquisidores locais, comunicou as principais autoridades sobre o fato. Em resposta, após duas ou três vezes serem trocadas informações sobre o processo, foi declarada a execução do moleiro “ateu”, pela Sua Santidade. O rigor do julgamento deveria servir de exemplo aos camponeses que saberiam de tal notícia.